



O Ser e a Neblina: Guimarães Rosa e a dialética do sertão

Being and the Mist: Guimarães Rosa and the dialectic of the backlands

Dossiê: intérpretes do Brasil

Marcela Oliveira*

ORCID: 0009-0009-8435-3789

E-mail: marcelacibella@gmail.com

Recebido: 30/11/2024

Aprovado: 05/04/2025

Resumo:

Viver é perigoso, escrevera João Guimarães Rosa. Em sua obra magna, *Grande sertão: veredas*, ele explorou esse perigo literariamente. Nessa narrativa, questões universais do ser humano aparecem a partir da realidade particular do sertão mineiro do Brasil. Seu protagonista, Riobaldo, conta suas próprias memórias a um visitante com vistas a receber um conselho. O alcance metafísico da pergunta, engendrada no decorrer do livro, diz respeito à existência de deus e do diabo. Mas ela vem junto com a dimensão imanente acerca da experiência humana no tempo: o que é o ser humano? Essa pergunta pode ser estendida para a questão do Ser, em geral, e desdobrada para: o que é o ser do Brasil? Ao caminhar por temas centrais da tradição filosófica – identidade, linguagem e tempo – em uma escrita na beira da oralidade, o livro deflagra a ambiguidade da vida através da junção e da oscilação entre polos opostos: bom e mau, deus e diabo, guerra e paz, homem e mulher. O objetivo deste artigo é analisar essa “dialética extremamente viva”, como a caracterizou o crítico Antonio Candido, sob a luz da concepção dialética de Walter Benjamin, propondo uma reflexão acerca da própria busca pela interpretação do Brasil a partir da ficção de Rosa.

Palavras-chave:

Guimarães Rosa; Walter Benjamin; Dialética; Sertão; Brasil.

Abstract

Living is dangerous, said João Guimarães Rosa. In his magnum opus, *Grande sertão: veredas*, he explored this danger literarily. In this surprising narrative, universal issues of the human being appear from the reality of the hinterland of Minas Gerais in Brazil. Its protagonist, Riobaldo, tells his own memories with the intention to receive some advice. The metaphysical dimension of the question that arises in the course of the work concerns the existence of God and, consequently, of the Devil. But it comes along also with the immanent dimension about the human experience in time: what is the human being? This question can be extended to the question of Being, in general, and unfolded to: what is the being of Brazil? Passing by central themes of the philosophical tradition – identity, language and time –, the book reveals the ambiguity of life through the junction of opposite poles: good and bad, God and Devil, man and woman. The objective of this article is to analyze this “extremely alive dialectic”, as the critic Antonio Candido said, in the

*Professora do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui Doutorado (2014) e Mestrado (2009) em Filosofia pela PUC-Rio; e Graduação (2005) em Jornalismo pela UFRJ. Sua ênfase de pesquisa é nas áreas de Estética e Filosofia da Arte, Filosofia Contemporânea, Teoria do Teatro e Literatura. É Diretora de Comunicação da Associação Brasileira de Estética (ABRE) e integra o Grupo de Trabalho em Estética da ANPOF. Autora do livro *Teatro da espera: Beckett e a ruína do drama* (7Letras - 2018), além de artigos e capítulos de livros.

light of Walter Benjamin's dialectical conception, proposing a reflection on the search for an interpretation of Brazil based on Rosa's fiction.

Keywords:

Guimarães Rosa; Walter Benjamin; Dialectics; Sertão; Brazil.

Viver é perigoso, escrevera João Guimarães Rosa. Em sua obra magna, *Grande sertão: veredas*, publicada em 1956, ele explorou esse perigo literariamente. Nesta narrativa, que carrega as marcas da oralidade, questões universais do ser humano aparecem a partir da realidade particular do sertão mineiro do Brasil. Seu protagonista, Riobaldo, conta as suas próprias memórias com vistas a “armar o ponto” de uma questão e, ao final, quem sabe, receber um “conselho” (Rosa, 2019, p. 159). O alcance metafísico da pergunta central, engendrada no decorrer desse diálogo-monólogo sobre si mesmo, diz respeito à existência de deus e do diabo. Mas ela vem junto com a dimensão imanente acerca da experiência humana no tempo: o que é o ser humano? Ou, ainda, o que significa Ser?

Ao caminhar por temas centrais da tradição filosófica ocidental – tais como identidade, linguagem e tempo – em uma escrita na beira da oralidade, o livro deflagra a ambiguidade da vida através da junção e da oscilação entre polos opostos: bom e mau, deus e diabo, homem e mulher. O objetivo deste artigo é analisar essa “dialética extremamente viva” – tal como a caracterizou o crítico brasileiro Antonio Candido (2002, p. 135) –, por sua vez sob inspiração da concepção dialética formulada pelo crítico alemão Walter Benjamin –, para sondar o quanto esse pendor dialético pode lançar luz sobre a realidade brasileira, que parece oscilar entre arcaico e moderno, oral e letrado, belo e violento, desde o que se costuma chamar de o processo de formação da nação até a atualidade, conferindo o merecido papel de “intérprete do Brasil” a Guimarães Rosa, para além de seu incontestável lugar de destaque como um ficcionista que se aventurou a imaginar literária e filosoficamente o país. Trata-se, ainda e entretanto, de problematizar a expectativa de se obter uma certa imagem do Brasil capaz de defini-lo propriamente, uma vez que o exercício de interpretação com base nessa teoria dialética não garante, de antemão ou mesmo a posteriori, o reconhecimento de uma certa entidade essencial que pudesse ser afirmada de forma homogênea. Na contramão disso, a dialética que se apresentará a seguir não buscaria harmonizar as contradições, para poder afirmar uma identidade pura (de nação, de povo ou do que quer que seja), mas sim recolher os fragmentos dispersos para que se possa entreolhar uma imagem plural e incompleta. Provisória.

Em suas considerações acerca da modernidade, Walter Benjamin visava revelar o caráter inconcluso de fenômenos artísticos, culturais e históricos cuja definição residiria não em uma identidade unívoca fixa, mas sim no atrito de elementos díspares. O caso

central para as análises de Benjamin foi o famoso livro do poeta francês Charles Baudelaire, *As flores do mal*, de 1857. Através da combinação de termos contraditórios já no título – a flor é, no geral, associada ao bem, ao belo e ao virtuoso; enquanto o mal seria vinculado pela tradição ao vício, ao grotesco e ao desviante – o poeta promove um constante jogo de extremos capaz de refletir a modernidade justamente por essa não resolução. Lama e ouro, prostituição e nobreza, pobreza e novidade. Não há harmonia pacificadora no contexto no qual até mesmo as flores são do mal. Elas ainda nascem, sim, é verdade, mas em um terreno inóspito, resultando em outra forma de ser, menos previsível, menos palatável. Conforme o filósofo alemão, essa operação estética que busca gerar a “experiência do choque” (Benjamin, 1989, p. 111) será a tônica das vanguardas modernistas do século XX e já vinha permeando a arte moderna de forma ampla, ao menos desde Baudelaire.

Em *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa não cessa de nos colocar em contato com contradições que geram choque. O seu protagonista e narrador oscila entre o bem e o mau nas ações que ele mesmo realizou no passado, como “jagunço”, sendo tanto mocinho quanto bandido. Ele experimenta o medo e a covardia para, depois, encarnar a coragem. Em memórias ainda mais antigas, chegara como professor de um grupo que carregava armas e impunha as suas próprias leis, no vácuo gerado pela ausência do Estado, para tornar-se mais tarde o líder do bando. O local em que se passa a narrativa é descrito como árido e precário, sendo por vezes extremamente belo, oscilando entre o seco e o úmido, especialmente nas veredas – que Rosa explica ao seu tradutor italiano ser o que passa “entre as chapadas” áridas, onde “se encontra água”, um “oásis” de beleza e fertilidade (Bizzarri e Rosa, 2003, p. 40). Como se não bastasse o encontro entre os opostos da secura e da umidade na mesma região, encarnados nos elementos da terra e da água, o que lembra, na tradição filosófica ocidental, as teses do pensador originário Heráclito, será também aqui evocada a imagem do rio como metáfora da existência, em seu eterno fluir, como notara também o filósofo antigo. No sertão de Rosa, o rio São Francisco gera vida em suas margens, atrai os viajantes com suas oportunidades de deslocamento e arrasta canoas para suas profundezas, na constante “luta dos contrários” (Heráclito, 2009, p. 15, frag. 8). Lemos nos fragmentos do pensador de Éfeso as seguintes combinações de pares opostos que se prestariam perfeitamente à experiência do jagunço no sertão de Rosa: harmonia e desarmonia, carência e fartura, abundância e fome, guerra e paz, “todas as coisas, um, e de um, todas as coisas” (Heráclito, 2009, p. 15, frag. 10). Ali, a guerra convive com a amizade e o amor entre os companheiros de vida e de morte. Riobaldo se divide entre a “moça para casar” (Otacília) e a “prostituta para namorar” (Nhorinhá), sendo que o seu coração bate mais forte na companhia de outro membro do bando (Reinaldo ou, apenas para ele, Diadorim). Enfim, é Diadorim quem revela facetas do masculino e do feminino em sua ambiguidade de gênero e sua forte presença.

Estes diversos planos da ambiguidade compõem um deslizamento entre os pólos, uma fusão de contrários, uma dialética extremamente viva, – que nos suspende entre o ser e o não ser para sugerir formas mais ricas de integração do ser. E todos se exprimem na ambiguidade inicial e final do estilo, a grande matriz, que é popular e erudito, arcaico e moderno, claro e obscuro, artificial e espontâneo. (Candido, 2002, p. 135)

Nessa construção literária, composta no registro da escrita como se fosse um relato falado, os opostos não tendem a uma solução final do conflito, como propunha a filosofia moderna de Hegel, a qual explicara as guerras e injustiças do passado por meio da crença em um processo histórico calcado na ideia de progresso, capaz de prometer o apaziguamento de todas as contradições no futuro. Isto é, distintamente dessa tradição dialética clássica, de base hegeliana, na qual a estrutura contraditória entre “tese” e “antítese” manifestar-se-ia em uma evolução progressiva na direção da “síntese” final, a dialética do sertão de Rosa suspende a oposição dos extremos, levando-a ao limite, sem, no entanto, conceder-lhe uma resolução harmônica. Com esse “deslizamento entre os polos”, conforme escreveu Antonio Candido no trecho citado acima, retirado do ensaio “O homem dos avessos” – note-se a pertinência do título –, o romancista nos possibilita lançar um olhar sobre o abismo profundo da existência justamente através (e não a despeito) de seus avessos. “O sertão está em toda parte” (Rosa, 2019, p. 13). Ele “é do tamanho do mundo” (Rosa, 2019, p. 59). Não estando em lugar algum, o sertão está “dentro da gente” (Rosa, 2019, p. 224). A palavra “sertão”, aqui, parece representar a dinâmica existencial – do verbo “ser” conjugado de forma intransitiva – que se manifesta em cada um de nós. Antes de ser algo, de maneira transitiva – como no enunciado: Riobaldo é jagunço –, o ser humano é, existe.

O par de opostos que é provavelmente o mais determinante de toda a obra configura a fundamental contraposição entre o bem e o mal, encarnando tais extremos essenciais nas entidades metafísicas de Deus e do Diabo. Desde o começo do livro, antes mesmo de o narrador se perguntar mais diretamente sobre a existência de Deus, ele formula a seguinte contradição: “O diabo existe e não existe?” (Rosa, 2019, p. 15). Sublinhe-se, aqui, a partícula “e”, pois não se trata de “ou”, o que indicaria uma disjunção, isto é, duas opções contrárias e excludentes, mas sim da afirmação de sincronia daquilo que se opõe. Duas páginas antes, a narrativa se iniciava por um neologismo – palavra composta e inventada – que sugere a abertura radical da existência, sem parâmetros de segurança, sem garantias de amparos, no avesso mesmo do Ser: “Nonada” (Rosa, 2019, p. 13). Combinando o pronome “no”, que prometeria a indicação precisa de algo no espaço, com o substantivo “nada”, que implode qualquer determinação, essa expressão com a qual Rosa inaugura a narrativa já anuncia o enigma a ser sondado: Ser e Nada, ao mesmo tempo. É nesse buraco existencial, nessa lacuna de indeterminação, como pensaram os existencialistas franceses, que o ser é, sendo. Não há nada garantido previamente. Não há alma, essência ou natureza humana. A forma infinitiva do ve

infinitiva do verbo, que constitui a palavra “ser-tão”, indica essa abertura. Lacuna belamente tornada imagem pelo suspiro – “Sertão: estes seus vazios.” Nessa suspensão indete rminada, o narrador de si, Riobaldo, reconhece: “Creio e não creio” (Rosa, 2019, p. 29). É nesse deslizamento que ele se põe a narrar a si mesmo, pela reelaboração de sua experiência passada, com todo o perigo que isso representa.

A esperança de Riobaldo parece ser a de obter salvação depois de uma vida permeada de desvios. Nesse sentido, vale lembrar o início do *Fausto*, de Goethe, em que, em uma aposta com o demônio Mefistófeles, o divino Altíssimo diz confiar na capacidade de se reencontrar no rûmo certo por parte de um ser efêmero e eminentemente errante: “Erra o homem enquanto a algo aspira” (Goethe, 1987, p. 48). Pois bem, Riobaldo – que, assim como Fausto, buscou o pacto com o diabo, embora tenha dúvidas se ele de fato se realizou – vagou pela vida, aspirou um tanto, desviou de valores e mandamentos, para mais velho vir a relatar o seu passado sem “ordem nenhuma”, por “coisas divagadas” (Rosa, 2019, p. 22), também de forma desviante, e, enfim, recolocar a mesma pergunta na conclusão do livro: “que o Diabo não existe. Pois não?” (Rosa, 2019, p. 435).

Como já se disse, o romance consiste em um relato oral, feito por Riobaldo em sua própria casa a um interlocutor visitante. Este vem “de fora” dali, sendo tanto “amigo” quanto “estranho” (Rosa, 2019, p. 35), mais culto e estudado que o seu anfitrião, mas que não chega a ter voz. Em todas essas dimensões do “outro” em relação ao “eu”, é acentuada a dinâmica de contradição fundamental à obra. A figura do visitante, que chega de fora do contexto a ser considerado na narrativa, é rica na história da literatura universal. Para mencionar alguns casos canônicos, já na *Odisseia*, de Homero, Ulisses chegava a terras estranhas para testar a hospitalidade (*Xenia*) da população local perante o estrangeiro – *Xenos*, termo grego que serviria para designar tanto o hóspede, vindo de fora, quanto o anfitrião, dono da casa, representando um ponto de indistinção entre os polos contrários na relação recíproca de hospitalidade – e, ao final, o mesmo Ulisses voltaria para sua casa transformado, mais velho e cheio de histórias para contar. Em *A montanha mágica*, de Thomas Mann, o “visitante e ‘espectador desinteressado’” (2016, p. 127) Hans Castorp chega aparentemente saudável ao sanatório de tratamento da tuberculose para nos dar notícias acerca dos hábitos dos enfermos lá do alto. O encontro, cheio de tensão, entre o familiar e o estranho também caracteriza a terrível novela *Na colônia penal*, de Franz Kafka (1998), na qual se vê a engrenagem jurídica daquele lugar ser esmiuçada para um visitante explorador, cuja palavra terá a força de interditar aquele funcionamento perverso.

No Grande sertão, a presença do visitante representa a oportunidade de rememorar e de elaborar o passado para o protagonista, que carrega consigo uma angústia: a de fazer as pazes com o que ele fez, a de se conciliar com quem ele foi, sem querer ter sido. Segundo

Benedito Nunes, “a recordação transporta Riobaldo ao fundo de si mesmo, levando-o ao dúbio conhecimento do que foi e daquilo que se tornou, em meio ao vago discernimento do que poderia ter sido” (2019, p. 465). Nesse aspecto, Rosa lembra aquele movimento empreendido por Marcel Proust de restituir a unidade geral aos “diversos ‘eus’ que morrem sucessivamente em nós” (Proust, 1989, p. 173). O próprio ser humano é essa abertura de sentidos concentrados e dispersados a partir de um mesmo “eu”, ao menos, no nome. Algo assim como as veredas que se dispersam a partir da nascente de um só rio, que poderiam representar os muitos caminhos, percorridos ou não, dentro de um mesmo fluxo vital. E o nome Riobaldo traz “rio” dentro de si, deflagrando uma identidade fluída.

Pois bem, se a entidade transcendente “existe e não existe”, assim como o ser humano efêmero “crê e não crê”¹, voltemos novamente a atenção de forma mais detida à partícula “e”, presente nas duas proposições curiosamente contraditórias. Guimarães Rosa coloca o foco no que está “entre” uma coisa e outra. O que acontece quando, ao menos na literatura, é possível afirmar o positivo e o negativo, o mesmo e o outro, o familiar e o estranho, o bem e o mal? A tradição ocidental, desde Platão, forjou o pensamento da identidade na definição afirmativa do Ser de cada uma das coisas, que excluiria, em igual medida, por negação, os demais Não-seres. A cama não é a mesa, diria o personagem Sócrates no “Livro X” do diálogo *A república*. Para enxergar cada Ser em sua precisão conceitual, o “prisioneiro da caverna”, que representa aquele que quer conhecer, segundo a alegoria exposta no “Livro VII”, precisou se libertar das sombras e se submeter ao ofuscamento da luz do Sol. Com a habituação gradativa da visão, ele veria claramente as verdades universais graças ao procedimento de distinção, delineamento, circunscrição dos limites ideais de cada entidade única. Entretanto, Rosa nos propõem o exercício de enxergar na neblina, onde as fronteiras não são nítidas, onde os limites entre as coisas se encontram borrados. Riobaldo reconhece em tom melancólico: “Diadorim é a minha neblina...” (Rosa, 2019, p. 25)

A fronteira entre o crime e a justiça na atividade do jagunço, “visto ora como um malfeitor, ora como um benfeitor” (Andrade, 1995, p. 492); a fronteira entre o real e o fantástico na descrição dos lugares; a fronteira entre as linguagens popular e erudita, narrativa oral e obra escrita; a fronteira entre o masculino e o feminino em Diadorim, que se veste de homem e carrega armas, mas revela ter corpo de mulher no estopim da guerra – nenhuma dessas delimitações é absolutamente clara, ainda que sejam experimentadas à luz do impiedoso sol do sertão. Uma dose de neblina insiste em acompanhar a visão dessas fronteiras. Até o sucesso e o fracasso na travessia de um mesmo rio, no Liso do Sussuarão, em circunstâncias distintas, parece revelar misteriosamente que o maior de todos os desafios é realizável e não realizável.

¹ Grifos meus.

Portanto, o *liso* é simultaneamente transponível e intransponível, porque a sua natureza é mais simbólica do que real. O autor dá algumas indicações aproximadas da sua localização; e além da lagoa Sussuarana, que os mapas registram, deve haver uma dura caatinga. No livro, porém, o que interessa é o seu mistério; ele varia conforme circunstâncias que nada tem a ver com a geografia e que se explicam por outros motivos, a exemplo do que vem expresso na frase: ‘essa vez não podia ser’ (difícil). A travessia se deu porque o chefe mudara, conforme veremos. A variação da paisagem, inóspita e repelente num caso, sofrível no outro, foi devida ao princípio de adesão do mundo físico ao estado moral do homem, que é uma das partes da visão elaborada neste livro: ‘(...) sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar’. ‘– Sertão não é maligno nem caridoso, mano oh mano!: –... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo.’ (Candido, 2002, p. 126)

Se pensarmos em possíveis referências acerca do contexto histórico e político do Brasil, embora a narrativa não seja circunscrita em uma época precisa, nem em um local geográfico exato, podemos enxergar a fronteira entre o estabelecimento formal da República e a insistência do Coronelismo, representados respectivamente pelos personagens de Zé Bebelo e Joca Ramiro. Aqui se manifesta a contradição entre o poder central do governo e os poderes locais por parte de grupos que se impõem pela presença regional, os quais podem auxiliar e violentar a população, em uma revelação de extrema atualidade da obra, mesmo que esse embate possa se dar hoje sob outras máscaras. Sucesso e fracasso na formação do Brasil ecoam na ficção de Rosa – sendo que, atualmente, a percepção do fracasso parece capturar mais a nossa atenção, dificultando mesmo a possibilidade de imaginar outras visadas sobre o país.

Cabe lembrar que o interesse literário por temas regionalistas – tais como a figura do sertanejo, a realidade do interior do país, as injustiças sociais e políticas – bem como pelos costumes populares – a oralidade, a fala do povo, o folclore e a relação com a modernização – não é privilégio de Rosa, evidentemente. Para citar algumas obras de clara afinidade temática, pensemos em *Os sertões*, de Euclides da Cunha; *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; *Menino de Engenho*, de José Lins do Rêgo; para além das investigações culturais de Mário de Andrade, acerca do folclore e da formação do país, e das investigações poéticas de Manuel Bandeira, sobre a “língua errada” e a “língua certa do povo”, em *Evocação do Recife*. Isso para mencionar outros casos, que frequentam também o terreno da ficção e da poesia, e podem ser relacionados aos estudos históricos e sociológicos, desenvolvidos por autores como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, entre outros, para os quais mais comumente se confere o título de “intérpretes do Brasil”. Talvez se trate de reconhecer que há reflexão sobre a nação naqueles literatos na mesma medida em que há imaginação e vigor narrativo nestes teóricos.

No caso singular de Guimarães Rosa, gostaria de acrescentar ainda outro ponto. De que escrever ficção, da maneira como ele o faz em *Grande sertão: veredas*, colocando em questão o problema da identidade radicalmente, coloca também em cheque a possibilidade de fechar um perfil definitivo do que seja o Brasil, o brasileiro, o povo ou a nação. Lemos ali que “jagunço não passa de ser homem muito provisório” (Rosa, 2019, p.

298). A provisoriedade do ser manifesta-se no inacabamento do humano, seja ele sertanejo ou não. Afinal, as pessoas “ainda não foram terminadas” (Rosa, 2019, p. 24), diz Riobaldo. Resta saber se esse “ainda” é passível de superação no desenrolar do tempo cronológico, pela passagem do “atrasado” ao “moderno”, em um progressivo esclarecimento ou conclusão de si, ou se, ao contrário, trata-se de uma inconclusão constitutiva do ser – jagunço, brasileiro, fiel ou pactário. Davi Arrigucci Jr. destacou nessa narrativa justamente “o enigma das formas misturadas” (2019, p. 490).

Aliás, a própria linguagem – para além da definição identitária de uma região, um povo ou uma pessoa – também é tratada nas bordas de suas contradições por Rosa, que explora a língua portuguesa em seus limites significativos e em sua força criativa. Pois, por um lado, ele declarou em entrevista: “a língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente”; parecendo indicar seu especial apreço pelo português, por seu idioma natal e pelas expressões idiomáticas etc. Por outro lado, foi ele também quem disse, em conversa com Lorenz, em Gênova, no ano de 1965, que “no sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoievski e Flaubert, porque o sertão é o terreno da eternidade, da solidão” (Rosa, 1995, p. 49). Sua ficção, que se passa em terreno sertanejo, comunica-se com a metafísica universal do ser, em eterna conjugação, tal como o fluxo constante de um rio.

Desse emaranhado (talvez um pouco nebuloso) de questões, gostaria de sugerir que, em *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa pode ser considerado um intérprete do Brasil apenas e na mesma medida em que ele se mostra um intérprete do Ser. Dizer os seres da “nação brasileira”, ou do “homem sertanejo”, ou da “língua portuguesa”, ainda que seja a falada (ou imaginada) no sertão mineiro e baiano, parece despertar camadas necessárias para que ele – assim como Riobaldo, aliás – arme um ponto e coloque uma questão, sem, entretanto, oferecer respostas fechadas. Então, não encontramos exatamente um termo final acerca dessas definições. Talvez, o que reste seja mais afeito à imagem de um “mosaico”, que comparece como metáfora no pensamento de Walter Benjamin (2004, p. 14) para a apresentação de uma ideia marcada pela fragmentação e pela pluralidade, ao invés da completude e da unidade pretendidas pela tradição ocidental. Nessa bela ficção, assistimos uma encenação de forças múltiplas na suspensão de uma espécie de palco teatral, como precisamente apontou Silviano Santiago, deflagrando o caráter performático dessa escrita – que, convém comentar, ganhou recentemente novas e potentes adaptações para o teatro e o cinema.

Há um esbanjamento desgovernado, artiloso e homicida das forças selvagens e telúricas pelo manuseio da palavra/moeda. Encenam-se lembranças e mais lembranças no palco literário. Nelas atuam as várias figuras comunitárias. Lembranças que na verdade são encarnações do que resta – no resto do resto – da beleza selvagem que há no homem humano. (Santiago, 2017, p. 131)

O que resta são os resíduos de múltiplas encarnações no tempo, os quais reunidos em sua dispersão dão a ver uma imagem, possivelmente a de um homem brasileiro e sertanejo, sim, em seus sofrimentos e conquistas, mas também a do humano em um sentido universal, por revelar a performance do constante “vir a ser” em sua intrínseca contradição. A selvageria convive com o progresso, assim como o sucesso convive com o fracasso. Ao jogar a moeda-palavra, é exibida sua dupla face de Ser e Não-ser em um só lance, ao mesmo tempo. Por isso, “as coisas não têm hoje e ant’ontem amanhã: é sempre. Tormentos.” (Rosa, 2019, p. 106) E a neblina, que gera instabilidade para o deslocamento no espaço, manifesta-se aqui na experiência de ser lançado no tempo.

Da suspensão tormentosa entre o ser e o não-ser, voltemos aos polos positivo e negativo da dialética, os quais constituem dentro da perspectiva de Walter Benjamin uma “imagem que salta” (2006, p. 504, N 2a, 3), interrompendo o fluxo de progressão linear que viria a solucionar a oposição e, assim, mostrando o conflito entre os termos. Essa imagem é como uma montagem de elementos díspares que poderia ser exposta em um quadro cubista ou surrealista, ou naquele mosaico de que se falou, uma vez que ela não resulta direta e necessariamente em uma síntese unificadora fora dessas contradições.

Seria o humano, então, uma montagem de seus contrários? Na combinação de seus extremos, tentando plasmar suas dores e alegrias, Riobaldo insiste no perigo de viver, revelado a nós, leitores, pelo perigo de narrar a si mesmo, interpretar o passado, dizendo que foi e não foi jagunço: “Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser.” (Rosa, 2019, p. 159). Afinal, ele já havia antecipado no início do livro, “tudo é e não é” (Rosa, 2019, p. 16). Sem a garantia de salvação ou de danação, a serem providas por Deus ou pelo Diabo, ele experimenta ambas no tempo e na linguagem: oscila entre salvar-se, justificando as suas opções passadas, e danar-se de vez, afundando na identidade daquele que fez o pacto de vender a alma ao demônio. Sendo um ser no tempo, “provisório” – como se define ali o jagunço e como já se pensou ser o caso da nação brasileira “ainda” em formação –, o narrador de si mesmo criado por Guimarães Rosa opera múltiplos deslocamentos em constante travessia. Nessa montagem dialética, entre o Ser e a Neblina, uma possível interpretação literária do Brasil pode ser extraída, justo em suas dobras, avessos.

Referências

ANDRADE, Vera Lúcia. “Conceituação do Jagunço e Jagunçagem em *Grande sertão: veredas*”. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1995.

ARRIGUCCI JR., Davi. “O mundo misturado: Romance e experiência em Guimarães Rosa”. In: ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas volume III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BIZZARRI, Edoardo & ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Minas Gerais: Editora UFGM; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”. In: *Tese e antítese*. São Paulo: Quatro, 2002.
- GOETHE. *Fausto*. Trad. Jenny Klabin Segall. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.
- HERÁCLITO. Pré-socráticos. In: MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009 (p. 11-17).
- KAFKA, Franz. *O veredito e Na colônia penal*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Trad. Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- NUNES, BENEDITO. “A matéria vertente”. In: ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- PLATÃO. “Livro VII” e “Livro X”. In: GUINSBURG, J. (Org. e Trad.). *A República de Platão*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 1989.
- ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1995.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da Ferocidade*. Ensaio sobre *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Recife: Cepe, 2017.